# Mesmo com La Niña chuvas podem atrasar no Semiárido

Por Letras Ambientais
sábado, 09 de janeiro de 2021

A temperatura dos oceanos é decisiva para definir a condição climática, nas diferentes regiões do Planeta. **No Semiárido brasileiro, não é diferente.** Desde agosto de 2020, a presença do fenômeno La Niña, no oceano Pacífico, criou expectativas de um bom período de chuva, no início de 2021.

O La Niña consiste no resfriamento das temperaturas da superfície do Pacífico equatorial, por um período contínuo. Há consenso entre os especialistas de que, **neste mês de janeiro, ocorre a fase mais intensa do fenômeno**. Inclusive, esse é o terceiro La Niña mais intenso, registrado pela Agência de Meteorologia e Oceanografia Norte Americana (NOAA), nos últimos 20 anos.

A tendência é de que o La Niña continue influenciando o clima global, até pelo menos o mês de abril, embora **seus efeitos na atmosfera permaneçam até meados de 2021**, especialmente no Norte e Nordeste brasileiros. Um primeiro efeito do término do La Niña será visto apenas no fim de maio.

>> **Leia também:** Como o La Niña afetará a agricultura brasileira, nos próximos meses?

Embora o La Niña costume ser favorável às boas chuvas no Semiárido brasileiro, este ano, o fenômeno não será decisivo para **definir o padrão de chuva sobre o Nordeste do Brasil**. É possível que, mesmo sob influência do La Niña, as chuvas não venham no volume e frequência esperados ou cheguem com atraso à região.

De forma geral, o primeiro trimestre de 2021 terá chuvas abaixo da média, na região Nordeste do Brasil, **com tendência de se atingir a normalidade no fim de março**. O alerta vem do meteorologista Humberto Barbosa, fundador do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites (Lapis).

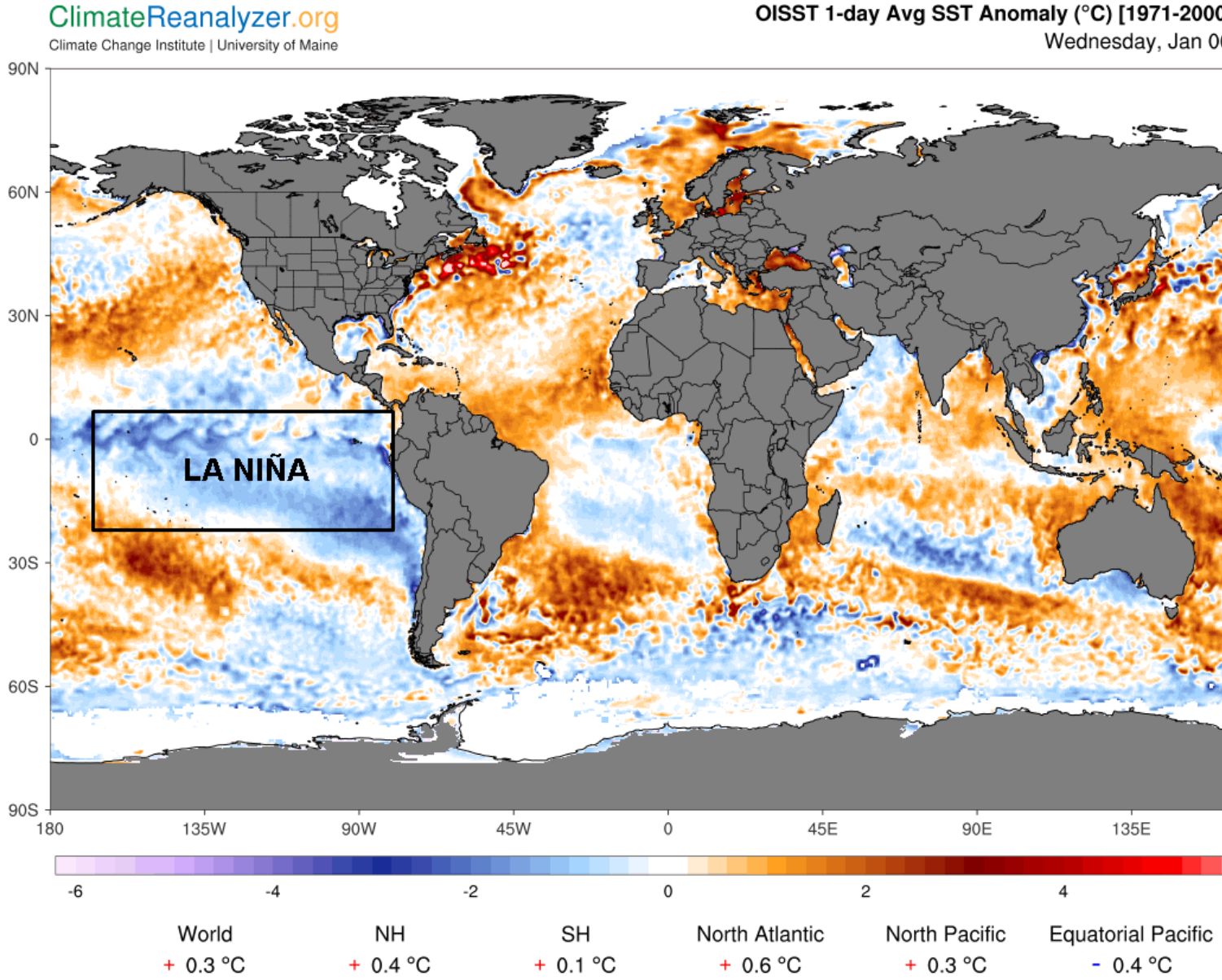
Como já sabemos, é a temperatura superficial do Atlântico Sul que, em última instância, **determina a condição climática da região semiárida**. Acontece que, desde o ano passado, é o Atlântico Norte que tem se mantido bastante aquecido, enquanto o Atlântico Sul está mais frio. Esse cenário pode retardar a chegada das chuvas ao Nordeste.

Em um cenário de La Niña, o Semiárido brasileiro seria beneficiado com chuvas, quando se forma o Dipolo negativo do Atlântico. Este fenômeno corresponde a **uma situação em que o Atlântico Norte fica mais frio**, enquanto o Atlântico Sul tropical fica mais quente. Explicamos detalhes do fenômeno neste post.

A atual situação observada, no Atlântico, mostra justamente o contrário, em relação ao que seria a **situação mais favorável**, para o Nordeste brasileiro.

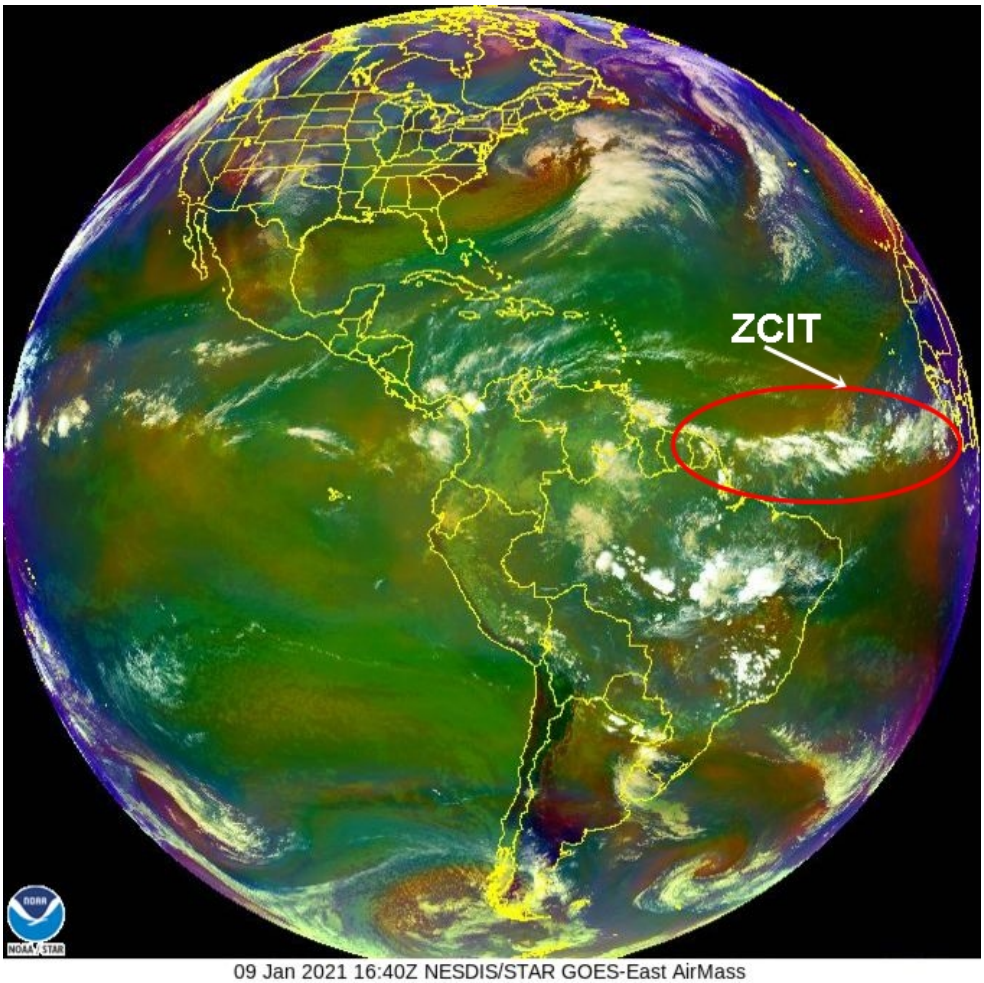
>> **Leia também:** O que fazer quando a seca inviabilizar a produção agrícola?

## Atlântico pode afastar fenômeno que traz chuvas para o Nordeste




O mapa acima corresponde ao atual monitoramento dos oceanos, baseado na média de temperatura de trinta anos (1971-2000). É possível observar três pontos, no mapa: 1) **Um La Niña acentuado, no oceano Pacífico**; 2) Um significativo aquecimento no Atlântico Norte; e 3) Resfriamento no Atlântico Sul tropical. A exceção é de uma pequena faixa próxima à costa brasileira, onde há um tímido sinal de águas oceânicas mais quentes.

A questão é que quando o Dipolo do Atlântico não está favorável, as condições oceânico-atmosféricas não permitem a “descida” da **Zona de Convergência Intertropical (ZCIT)**, para ficar mais próxima da costa do Nordeste brasileiro. Deste modo, o fenômeno meteorológico que mais influencia nas chuvas sobre o Semiárido brasileiro, durante o verão, estará mais afastado da região do que o normal.



09 Jan 2021 16:40Z NESDIS/STAR GOES-East AirMass

Esse processo ocorre em função de o Atlântico Norte está mais aquecido, de modo que a ZCIT, em posição mais acima, leva as **chuvas mais volumosas para o norte da Amazônia**. Somente quando a temperatura está acima da média, próximo à costa do Nordeste, a ZCIT colabora com chuvas sobre essa região.

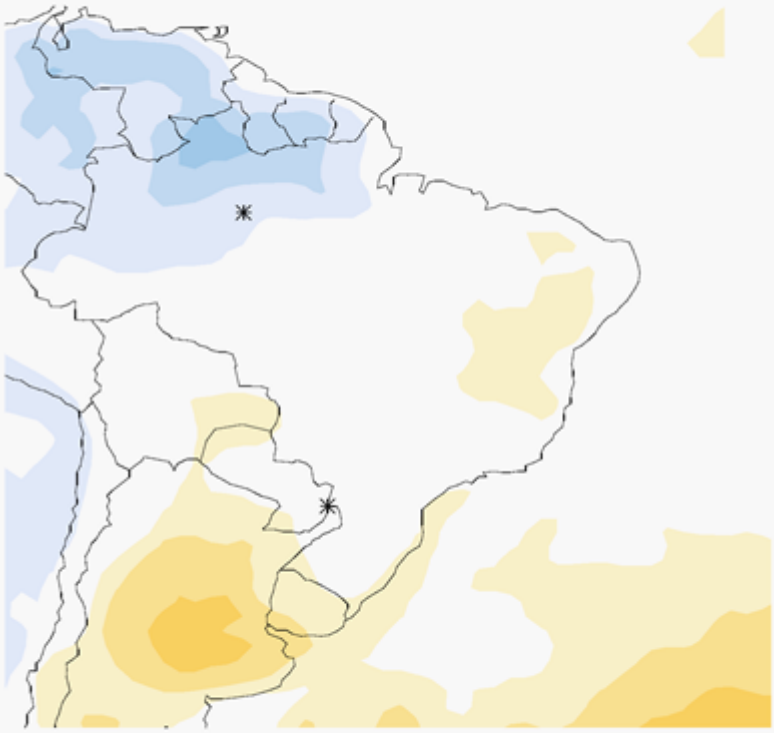
A ZCIT é uma larga banda de nuvens, cuja **aproximação da costa do Nordeste depende do aquecimento** das águas superficiais do Atlântico Sul tropical e do esfriamento da porção norte desse Oceano, tendo como base a linha do Equador.

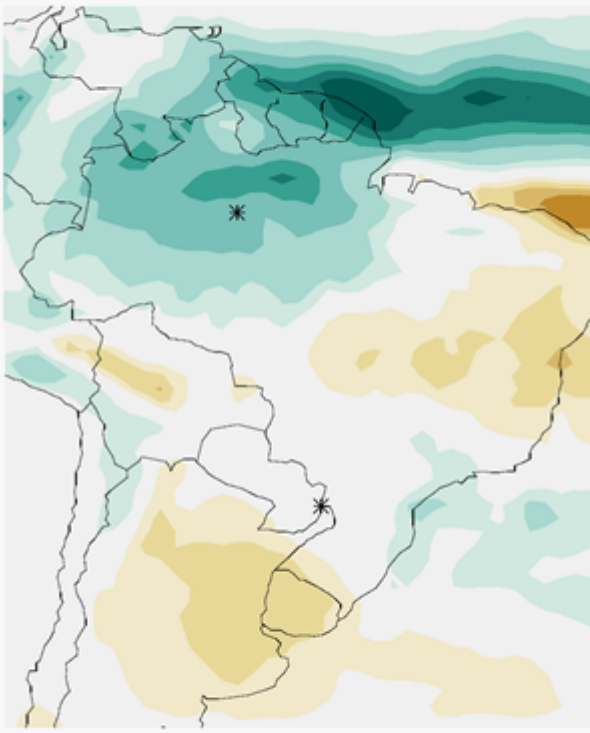
**>> Leia também:** Como o Atlântico favorece as chuvas no Nordeste?

## Laboratório indica cautela para plantio de sequeiro em fevereiro

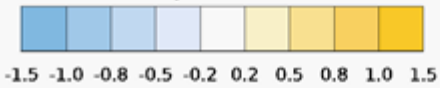
# Tendências para Fevereiro 2021

*Atualizado: 08/01/2021*
*Previsão Ensemble*

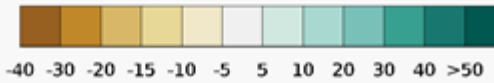


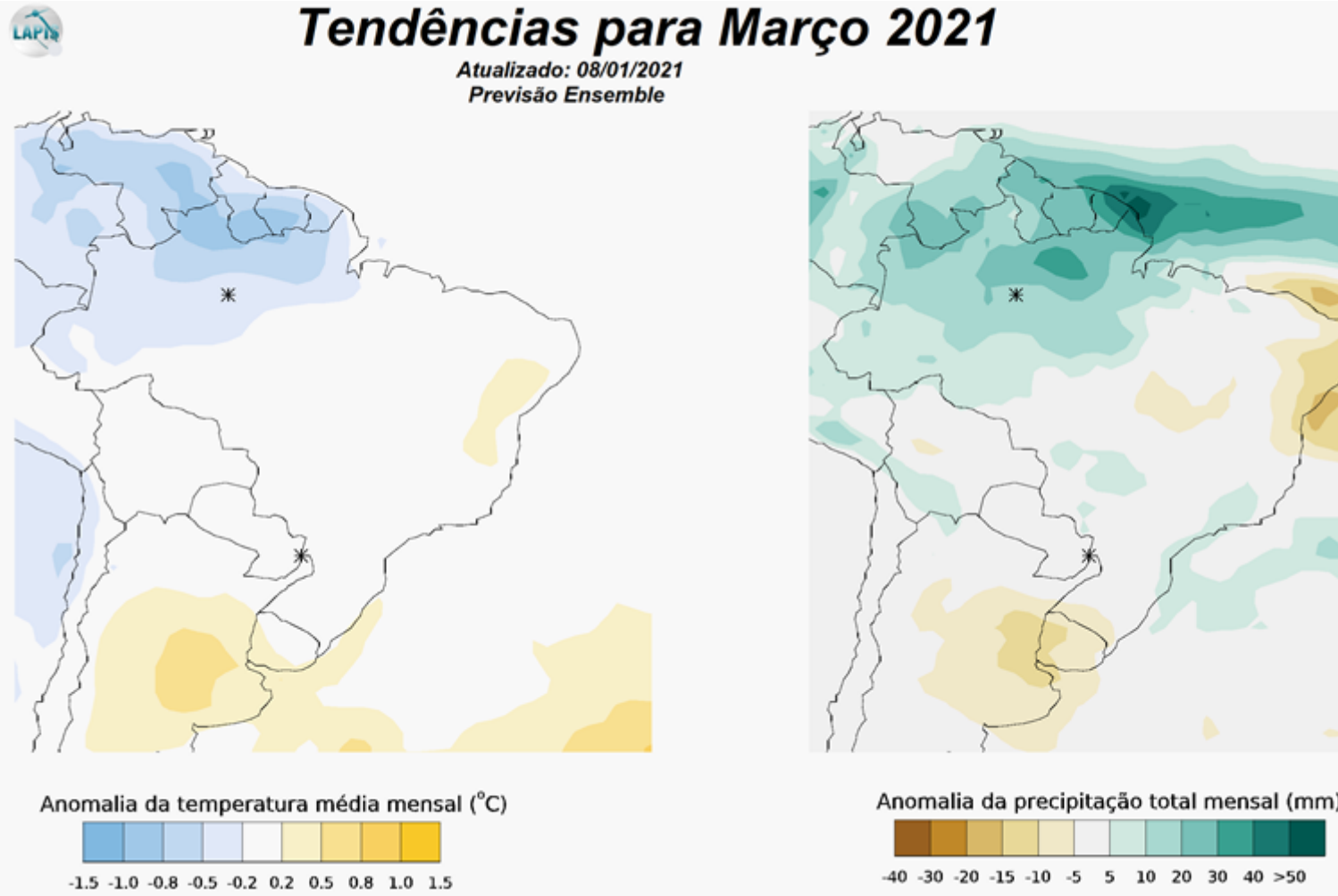


Anomalia da temperatura média mensal (°C)




Anomalia da precipitação total mensal (m






Contrariando expectativas, diante da atual previsão climática, Humberto Barbosa **recomenda cautela, com relação a investimentos na agropecuária** do Semiárido brasileiro, no mês de fevereiro.

O período chuvoso da região vai de fevereiro a maio. Janeiro será um mês com chuvas abaixo da média, em praticamente todo o Nordeste. Modelos climáticos indicam que, em fevereiro, **as chuvas ficarão um pouco abaixo da média**, com possibilidade de haver frequentes veranicos (estiagem regionalizada, durante a estação chuvosa), que prejudicam principalmente o desenvolvimento das lavouras de sequeiro, na região.

Já no final de março e durante o mês de abril, a expectativa é que as chuvas sejam em torno da média histórica. **Em março, a previsão é de chuvas acima do normal**, principalmente na porção norte do Nordeste brasileiro (região que vai do Maranhão, passando pelo Rio Grande do Norte e indo até a Paraíba).

A previsão é de que **as áreas beneficiadas com chuvas**, em março, sejam a Bahia, Semiárido de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco e da Paraíba, bem como o centro-leste do Piauí, alguns locais do norte do Maranhão e noroeste do Ceará. As demais áreas do Nordeste devem receber chuvas abaixo da média.

>> **Leia também:** La Niña pode agravar pressão sobre oferta e preço dos alimentos

O meteorologista do Lapis também **chama atenção para a região central do Nordeste**, onde a previsão é de chuva abaixo da média. A área abrange grande parte da Bahia, centro-sul do Piauí, oeste de Pernambuco e extremo sul do Maranhão.

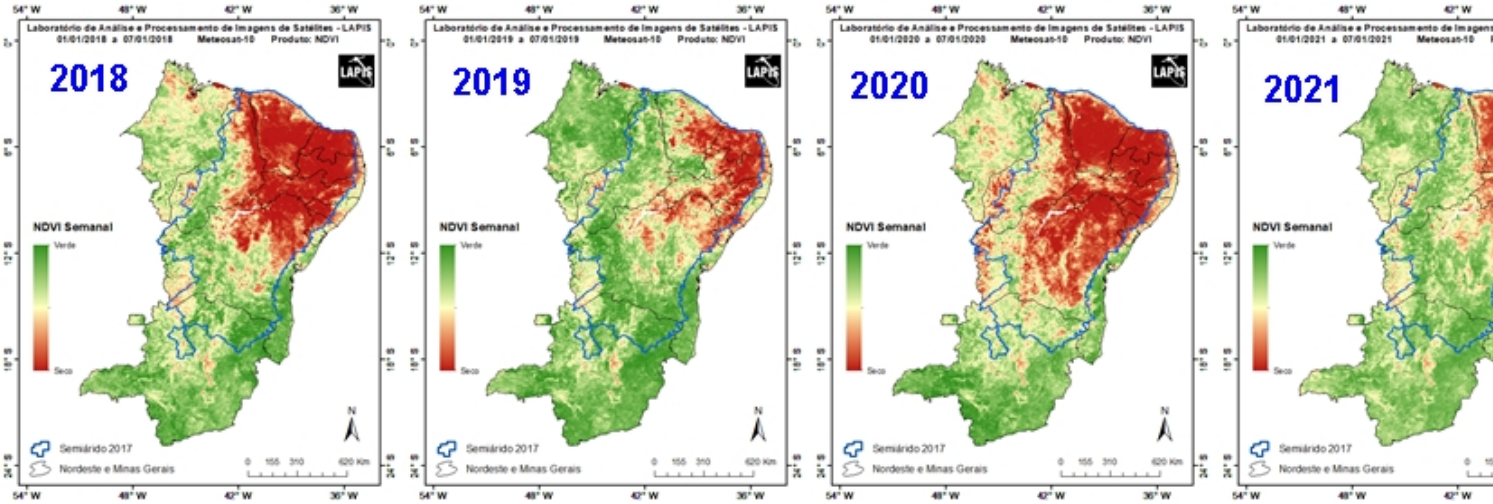
Lembramos que parte dessas localidades compreende a região do Matopiba, **uma das principais produtoras de grãos** (milho e soja) do País. Essas áreas costumam depender de outros fenômenos, que causam áreas de instabilidade e costumam provocar chuvas.

O aumento de algumas linhas de instabilidade no Pará, no Tocantins ou em Minas Gerais, **avança para o Nordeste**, levando chuva para o Maranhão, o Piauí e a Bahia. Eventualmente, frentes frias também podem passar pelo litoral baiano.

Mas além de todos esses sistemas, existe ainda a Alta Subtropical do Atlântico Sul (ASAS) que predomina, em geral, sobre o leste do Nordeste. Esse é um sistema que reduz a instabilidade, **diminuindo as condições para chuva**. A posição média da ASAS também interfere no padrão de chuva sobre a região Nordeste.

Existem dificuldades para se prever esses fenômenos de instabilidade, pois dependem da convergência de um conjunto de condições atmosféricas. Mas a **expectativa indicada pelos modelos climáticos** é de que será mais difícil para chuvas, principalmente em fevereiro, nessa área central do Nordeste.

## Chuvas de 2020 ainda aliviam impactos da seca no Semiárido




Além do cenário de pandemia, **o ano de 2020 também foi marcado por extremos climáticos**, em diferentes regiões do Planeta. Para citar alguns desses eventos, estão: recorde de tempestades tropicais, em sequência, no Atlântico Norte; incêndios florestais na Austrália, na Califórnia, Sibéria e no Pantanal brasileiro; secas,

inundações e tempestades incomuns, entre outros.

Desde 2014, são registrados recordes de temperaturas globais, com destaque para picos de calor, nos anos de 2016 e 2020. Mesmo o La Niña, configurado em meados do ano passado, não conseguiu minimizar a tendência de aquecimento do Planeta.

A consequência desse processo de crise climática, associada a um cenário de devastação socioeconômica e dos **destroços que ainda persistem do novo coronavírus**, as áreas mais vulneráveis sempre são as mais afetadas.

O Semiárido brasileiro é uma dessas áreas socialmente **vulneráveis à crise climática, à seca e ao processo de desertificação**. Apesar disso, o ano de 2020 foi favorável para a região, pois houve registros significativos de chuvas, em diferentes áreas.

A sequência de **imagens de satélite acima destaca o impacto da influência do clima**, sobre a vegetação do Semiárido brasileiro, no período de 2018 a 2021, sempre na primeira semana.

>> **Leia também:** Um século depois - as 9 lições das secas no Semiárido

De acordo com o mapa, no início de 2021, os impactos da seca foram menores, sobre a maior parte da região. Isso ocorreu em função de **2020 ter sido um ano sem a presença do El Niño**, durante a quadra chuvosa, e em que os volumes de chuva foram significativos, em muitas áreas da região.

A mesma situação se observa no início de 2019, quando **ainda não se tinha evidência da influência de um El Niño** fraco, sobre a seca, no interior do Nordeste.

Não sei se você já ouviu falar, mas existe uma "memória" da seca sobre a vegetação. Ou seja, **durante um evento extremo de seca, acumula-se um legado de danos fisiológicos** residuais, nas plantas, interferindo na saúde da vegetação.

É por isso que, na estação chuvosa seguinte, mesmo que determinada área **receba volumes significativos de chuvas**, é possível que muitas plantas morram ou não consigam se recuperar.

O inverso também ocorre, havendo um bom período de chuvas, é possível que, **mesmo depois de meses de seca**, os impactos sobre a vegetação sejam menores que o esperado. Leia aqui o post com mais detalhes sobre o assunto.

É o que pode ser observado atualmente na região do Semiárido brasileiro, a partir de **uma série histórica de imagens de satélites**. Analisando imagens da umidade do solo, do satélite SMOS, ao longo de todos os meses de 2020, observa-se que a estiagem atingiu a região no mês de junho. Todavia, ocorreram chuvas, em algumas áreas, nos

meses de outubro e novembro.

O volume significativo de chuvas no Semiárido, no ano passado, **aliviou o impacto da seca sobre a vegetação atualmente**. Por isso, podemos dizer que a vegetação guarda agora uma "memória" da chuva passada.

**Post atualizado em: 11.01.2021, às 11h31.*

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:**

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].

**Instituto**

---

**Quem somos**

---

O Letras Ambientais é uma instituição privada, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a defesa, preservação e conservação do meio ambiente.

Endereço para correspondência: Av. José Sampaio Luz, 1046, Sala 101 – Ponta Verde. Maceió (AL). CEP: 57035-260.

**Fone:** (82) 3023-3660 **E-mail:** contato@letrasambientais.org.br

**ISSN:** 2674-760X

Copyright © 2017-2022 Letras Ambientais | Todos os direitos reservados |